

O ENTERRADO VIVO

Pseudônimo: BILLY TALBOT

Fabrcio Marques de Oliveira
Fac. Letras (Mestrado em Teoria da Literatura)

"e vivo tranqüilamente todas as horas do fim"

(Torquato Neto)

Morro constantemente,
Morri não faz muito tempo,
morrer me faz muito bem.
Março, abril, setembro,
já nem me lembro
o quanto morri
ultimamente.
Morro naquilo que me sangra,
morri nos idos de 1947,
morrerei na próxima guerra.
Morrer é a todo momento.
Morte: abracadabra.
Sou uma cidade sitiada,
de um lado câncer e miopia,
do outro asma,
acima sífilis,
abaixo aids e leucemia,
segunda tuberculose,
terça catapora,
quarta esquizofrenia,
doenças de todas as cores,
males para todos os dias.
Julho, agosto, maio.
Olho a morte de viés,
olho a morte de soslaio.



Mirian Lourdes Scofield Osório Vieira

Trago no bolso bilhetes de suicida
para todas as ocasiões.
Cortei os pulsos
mas a faca cega,
Pulei no rio
mas o rio raso,
Tentei a corda
mas o nó se desfez,
Abri o gás
e o gás não havia.
Por último um tiro,
mas de festim.

Nisso vieram seus súditos,
e, turvo, o corvo bicou meu fígado,
e o lobo jantou minhas pernas,
e a baleia engoliu meus sentidos,
e, por ser porcelana,
o amor se quebrou.
A morte vem
e sobre mim estende
seu alvíssimo lençol.
-Vim te buscar, vem comigo,
eu que sempre fui tua,
às vezes náusea,
às vezes trigo.

-Volte outra hora,
pois minha filha acaba de nascer,
e com ela uma voz dizendo fica,
chuva sobre a seca,
alarido de saudade,
o mel que a boca fabrica,
sono de seda, dia de festa,
pedra preciosa, rima rica.
Por ora,
senhora morte,
tu és
o resto

ao rés-do-chão.
E o resto insignifica.

*"There's a bit magic in everything
and then some loss to even things out"*
(Lou Reed)